

A Reforma Educativa na Florida

A cultura de educação na Florida está a mudar. Nos Estados Unidos, não obstante o trabalho desenvolvido pelo excelente sistema de ensino superior e a implementação de uma estratégia muito significativa no domínio das ciências da vida e da tecnologia que visa estabelecer pontes de ligação entre os institutos universitários e de investigação e as profissões do futuro, o “K-12 education system” (sistema educativo básico e secundário) é a pedra de toque para o sucesso das comunidades, das regiões e do país.

ANTES

Há uma década atrás, o nosso sistema educativo não conseguia estar à altura das suas responsabilidades:

- › Os padrões eram mínimos ou inexistentes.
- › As expectativas eram baixas para os alunos que mais precisavam de ser estimulados.
- › Demasiados alunos percorriam o sistema sem dominar os saberes necessários para ter êxito no ano de ensino subsequente; outros, desanimados, estavam entregues a *failing schools* (escolas que ano após ano não conseguem corresponder positivamente aos padrões de exigência mínimos).
- › Os pais sentiam-se frustrados, os professores e os directores sentiam que nada podiam fazer.
- › A comunidade exigia mudanças.

Há dez anos atrás, os problemas a enfrentar eram grandes e a agravarem-se ano após ano.

À medida que as indústrias do conhecimento ganham terreno na condução da economia, estudos sucessivos vão revelando a diferença salarial entre licenciados, aqueles que terminam apenas o ensino secundário e aqueles que pura e simplesmente abandonam a escola.

O progresso das comunidades, das regiões e dos países depende da sua capacidade para transformar os seus sistemas educativos de modo a criar condições para que cada vez mais jovens possam adquirir conhecimento — esta era a minha convicção há dez anos atrás e continua a ser a minha convicção hoje.

Inversamente, aqueles que falharem este objectivo acabarão por ver os seus salários ficarem proporcionalmente mais baixos e as suas perspectivas económicas reduzidas.

Segundo a minha perspectiva, o problema era simples: por alguma razão não lidamos com a educação como lidamos com quase todos os outros aspectos da nossa vida. Na América, nós podemos escolher praticamente tudo — onde vivemos, onde trabalhamos, onde compramos coisas, o carro que conduzimos, o que comemos.

A NOSSA IMAGINAÇÃO E A NOSSA CARTEIRA SÃO O LIMITE

As escolhas andam por todo o lado — excepto na educação. Naquela que é muito provavelmente a área mais importante das nossas vidas, as opções rareavam, ficando o governo a tomar todas as decisões.

O nosso sistema educativo precisava de ser cuidadosamente examinado e melhorado:

- › Precisávamos de competição para aumentar a qualidade.
- › Precisávamos de avaliar o sistema para conseguirmos estar à altura das responsabilidades.
- › Precisávamos medir a evolução para assim podermos premiar o êxito e reverter o insucesso antes de ser demasiado tarde.

Gostaria de partilhar convosco as lições que aprendemos nos últimos dez anos a tentar reformar a educação e a melhorar o desempenho dos alunos. De entre estas lições, sobressaem cinco regras que visam reformar e mudar a educação.

REGRA #1

O princípio orientador da minha campanha de candidatura para Governador em 1998 traduzia-se numa grande reforma educativa.

Durante a nossa campanha, oferecemos à população da Florida um plano de reforma detalhado. O nosso plano foi examinado, foi desafiado, foi discutido, foi atacado — incessantemente. Contudo, o plano de reforma acabou por merecer o apoio dos eleitores e eu fui eleito para os servir como governador.

Iniciámos a nossa actividade com um mandato para mudar o estado de coisas e implementar reformas profundas. A promessa reformista que nos levou à vitória nas eleições foi cumprida.

Pelo que a minha primeira “lição” sobre como implementar reformas na educação é também uma lição sobre liderança. Se nos candidatamos a um cargo público devemos “dizer

o que vamos fazer e depois fazer o que dissemos.”

Os eleitores devem saber que os candidatos que não estão dispostos a correr riscos políticos durante a campanha também não correrão os riscos políticos necessários para implementar reformas efectivas quando iniciam funções.

Além disso, os candidatos que prometem a lua, as estrelas e todo o sistema solar, sem terem um plano para cumprir a promessa, acabarão por perder a confiança da comunidade que servem.

Curiosamente, voltámos a prometer ainda mais reformas e a fornecer informações detalhadas sobre o que nos esperava quando tentei ser reeleito em 2002. A educação esteve novamente no centro da nossa campanha e eu tive a felicidade de ser reeleito com um mandato reformista ainda mais forte.

REGRA #2

O objectivo da reforma era o de garantir que um ano de estudo de um aluno pudesse corresponder a um ano de conhecimento efectivo.

Medir a evolução – ou, por vezes, a falta dela – ajuda-nos a determinar quem vai no bom caminho e quem precisa de ajuda.

Os alunos já faziam testes standartizados, mas nós alargámos os testes de leitura e matemática de modo a abranger os alunos do 3º ao 10º ano de escolaridade. Foi a partir destes resultados que reformámos o sistema e mudámos a cultura.

Por exemplo, a nossa intenção era a de garantir que cada criança dominasse os saberes necessários para poder ter êxito no grau seguinte; pelo que, num momento decisivo da escola elementar, abolimos a política de promoção social que permitia ao aluno transitar para o ano seguinte por motivos sociais.

Com as nossas reformas, os alunos do 3º ano de escolaridade que estão abaixo do nível básico de leitura não transitam para o 4º ano. Isto pode não parecer uma reforma radical, mas no ano anterior à implementação da medida de “não promoção social”, 27% dos alunos do 3º ano de escolaridade estavam abaixo do nível básico de leitura. Nos dois anos seguintes, o número de alunos do 3º ano de escolaridade que estavam abaixo do nível de leitura básico desceu de 20% para 14% devido ao nosso sistema de avaliação e responsabilização, e aos esforços renovados na implementação de programas de apoio à leitura baseados em recursos científicos.

Além de termos conseguido diminuir o número de alunos com dificuldades de leitura, um estudo independente realizado pelo Manhattan Institute revelou que os alunos que repetiram o 3º ano de escolaridade foram capazes de recuperar e no 4º ano de escolaridade foram melhores do que aqueles alunos em dificuldades que não tinham repetido o ano.

A nossa intenção era atingir a excelência académica em todos os anos escolares, espaços geográficos e níveis sócio-económicos, pelo que começámos a avaliar o desempenho das escolas.

Com as nossas reformas, passámos a realizar testes anuais para avaliar o desempenho das escolas, numa escala de A a F, tal como fazemos com os alunos.

Medimos o saber inerente a cada ano de ensino e os ganhos

educativos. Para nos certificarmos que nenhum aluno é deixado para trás, exigimos melhorias aos alunos com pior desempenho. Com a avaliação das escolas, premiamos o êxito e canalizamos recursos adicionais para reverter o insucesso.

A verdadeira responsabilização tem lugar na avaliação das escolas. As notas tornam possível – fácil até – comparar a qualidade da educação.

Os pais e a comunidade compreendem facilmente a diferença entre um A e um F, sem recurso a explicações adicionais. Quando sabemos aquilo que valem passamos a poder exigir melhorias.

Foi assim que aconteceu com a maioria das escolas.

As escolas públicas da Florida fizeram progressos extraordinários ao longo dos últimos oito anos. O número de escolas com nota A e nota B quadruplicou desde 1999 – de 515 para 2074. E o número de escolas com nota D e nota F caiu de 677 para 153 – uma descida de quase 80%.

Estes resultados foram obtidos não obstante termos elevado os padrões de avaliação em quatro momentos nos últimos sete anos.

Queríamos proporcionar aos pais a possibilidade de dar aos filhos uma educação de qualidade, mesmo no caso de não poderem pagar uma educação privada; pelo que os pais de alunos que frequentavam *failing schools* começaram a poder escolher a escola – pública ou privada – que melhor correspondia às necessidades do filho.

O número de pais que aceitou a oferta não chegou a mil, mas a perspectiva – ou, talvez, a ameaça – da competição levou a mais mudanças nas escolas públicas.

Eis porque eu acredito que a segunda regra para a implementação de reformas na educação diz que “se não avaliamos é porque não nos preocupamos:”

- › Nós avaliamos o progresso anual;
- › Nós avaliamos tendo em consideração os grupos raciais e étnicos. Nós avaliamos e comparamos os distritos escolares;
- › Nós avaliamos o progresso do aluno em função do seu professor:

Temos de estar dispostos a avaliar, a publicar os resultados e a mudar o que não está bem. A implementação de reformas sem a correspondente aferição do seu sucesso ou fracasso faz com que as medidas percam todo o seu significado.

REGRA #3

Se estou a fazer com que isto pareça fácil, posso garantir-lhes que não é. A ideia de reforma é muito mais fácil do que a sua realidade. Pelo caminho houve muitas críticas, resistências, medos a superar e mitos a abater.

Muitos professores diziam que avaliar todos os alunos segundo os mesmos padrões era uma medida injusta. A ideia era a de que os alunos pobres, os alunos oriundos de minorias ou os alunos com deficiências não deveriam ser avaliados segundo os mesmos padrões que os seus pares.

Porém, foram os próprios alunos a mostrar que os cépticos não tinham razão. Nós elevámos a fasquia e os alunos estiveram à altura do desafio.

Hoje, mais e mais alunos estão a ler e a saber matemáti-

ca correctamente, sendo que os mais beneficiados foram os alunos oriundos de minorias. A nossa taxa de sucesso escolar é alta e a taxa de abandono desceu para metade.

A Florida ocupava os piores lugares nos *rankings* nacionais de 1996; por causa do sistema de avaliação e responsabilização, os nossos alunos do 4º ano de escolaridade estão agora acima da média nacional em leitura e matemática. Mais uma vez, os maiores ganhos em toda esta evolução estão a ser obtidos pelos nossos alunos oriundos de minorias.

Os professores agora enaltecem a evolução dos alunos; usam os dados das avaliações para dirigir as lições no sentido de ajudar os alunos em dificuldade e para desenvolver métodos de ensino inovadores e criativos.

Os pais esperam pela nota da escola tanto quanto esperam pelas notas dos filhos. As pessoas que planeiam comprar uma casa querem saber a nota da escola correspondente antes de a comprarem.

Há dez anos as reuniões de direcção das escolas ocupavam-se a falar do orçamento ou do lugar onde novas escolas deveriam ser construídas. Havia pouca ou nenhuma discussão sobre o desempenho dos alunos.

As reuniões de direcção das escolas são agora ocupadas com discussões fecundas sobre a educação dos alunos. Como podem eles ajudar os alunos com dificuldades? Que novos programas de leitura vão eles oferecer? Pouco satisfeitos em apontar só para a média, os participantes nas reuniões discutem e traçam estratégias para elevar as notas da escola de C para A.

Chegamos assim à terceira lição acerca da implementação de reformas na educação: “Para vencer é necessário perseverar.”

As mudanças culturais e políticas significativas e duradouras não se realizam de um dia para o outro. As reformas profundas exigem empenhamento a longo prazo.

Foi necessário toda uma geração em declínio para chegarmos aos problemas com que hoje lutamos, e levará pelo menos metade desse tempo para os resolver. O progresso significativo e a sustentação das reformas decorrem do efeito cumulativo de melhorias sucessivas.

REGRA #4

Não podemos corresponder à lição três sem adoptarmos a lição quatro: comunicar, comunicar, comunicar.

A retórica política torna difícil aos pais compreender o que se está a passar – e torna demasiadamente fácil a qualquer um esquecer que estamos a falar de crianças e do seu futuro. As reformas só são fecundas quando as famílias sabem que estão a ter resultados, o que exige comunicação constante às mães e pais naturalmente ocupados com os seus afazeres.

A Florida, ano após ano, dá aos pais um relatório completo, com explicações claras numa variedade de línguas, do desempenho do seu filho e da avaliação da escola relativamente aos padrões estaduais e nacionais.

A comunicação também ajuda a construir o caminho para a implementação de reformas contínuas na educação.

REGRA #5

Deste modo alcançamos a quinta lição sobre como implementar reformas educativas: “o êxito nunca é total e a reforma nunca está terminada.”

Ou estamos em ascensão ou estamos em declínio; se não estamos a avançar significa que estamos a perder terreno e a desperdiçar oportunidades.

Enquanto houver educação, haverá a necessidade de implementar reformas educativas. Eu penso que este é um princípio universal que deve guiar a educação em direcção ao futuro.

O QUE ESTAMOS, ENTÃO, A FAZER NA FLORIDA?

Estamos a implementar reformas que visam corresponder aos desafios particulares que enfrentam os professores e alunos do 6º ao 8º ano de escolaridade:

> Todos os alunos com dificuldades em matemática e leitura são obrigados a frequentar aulas de apoio para não ficarem atrasados relativamente aos outros;

> Todas as escolas do 6º ao 8º ano de escolaridade terão professores de leitura auxiliares a trabalhar com os seus colegas no sentido de os ajudar a melhorar o desempenho dos alunos;

> É agora exigido um trabalho curricular mais rigoroso na obtenção do diploma do 8º ano escolar para que os alunos estejam melhor preparados quando enfrentam o 9º, 10º e 11º anos de escolaridade.

Estamos a implementar reformas estimulantes nas escolas do 9º ao 11º ano de escolaridade, designadamente a adopção de mais conteúdos curriculares de grau universitário, mais oportunidades educativas para a orientação da carreira e uma abordagem mais atenta à matemática e à ciência. Além disso, desde o Outono, a Florida será o primeiro estado da nação a exigir que todos os alunos que entram no 9º ano declarem uma área académica de interesse pessoal.

Acreditamos que esta nova reforma tornará as escolas do 9º ao 11º ano de escolaridade uma experiência mais relevante, interessante e divertida para os alunos. Foram criadas centenas de áreas académicas de interesse pessoal por todo o estado da Florida para oferecer aos alunos – e o resto do país está na expectativa de saber o que vai resultar desta medida.

Finalmente, a Florida está a implementar o mais completo sistema do país de pagamento dos professores em função do seu desempenho. Embora controverso, um pagamento mais elevado para um melhor desempenho, tendo em vista a aprendizagem do aluno, será um catalizador essencial para melhorar o nível de desempenho do aluno. Os melhores professores devem ser melhor remunerados e os pais devem saber quais são os professores que estão a desempenhar bem a sua profissão e quais não estão.

O ÊXITO NUNCA É TOTAL A REFORMA NUNCA ESTÁ TERMINADA

As reformas do passado são criadoras de oportunidades para novas melhorias, as quais requerem mais reformas que são criadoras de mais oportunidades para outras novas melhorias; e assim sucessivamente.

As culturas podem mudar para melhor quando aplicamos as cinco regras para a implementação de reformas na educação (ou variações delas).

É assim que a melhoria contínua pode ser a norma.